

QUANTO INTERESSA A RELIGIÃO CATÓLICA AOS JOVENS? UM ESTUDO A PARTIR DO CASO PORTUGUÊS*

*How much does Catholic religion matter to young people?
The case of Portugal*

Eduardo Duque**

Universidade Católica Portuguesa
eduardoduque@braga.ucp.pt

José Durán Vázquez***

Universidade de Vigo
joseduran@uvigo.es

Resumo

Ao olhar para a geração dos avós, poder-se-ia dizer que um português era aquele que procurava identificar a sua vida com as verdades de fé, as quais atuavam como referente objetivo que dava significado aos seus comportamentos. Porém, a geração dos jovens já não é assim e não é por não serem autênticos, mas porque os contextos em que vivem, as famílias que têm, a escola que os forma, as perguntas que fazem são agora muito diferentes das dos seus avós. Posto isto, este estudo, através de uma metodologia quantitativa e qualitativa, a partir de dados primários e secundários, visa analisar a forma como os jovens vivem a sua dimensão religiosa. Através do Inquérito Social Europeu de 2014, concluiu-se que, na sociedade portuguesa, quatro em cada dez jovens não têm qualquer vínculo ou relação com a religião católica, fator que manifesta uma tendência para o esmorecimento da identidade sociocultural de matriz católica em Portugal. Por outro lado, através do inquérito sinodal, concluiu-se que a expressão religiosa dos jovens católicos evidencia que a sua identidade cristã não está alicerçada numa vivência assídua dos seus princípios e valores, mas é essencialmente fruto de uma herança cultural e familiar que não está ancorada em práticas religiosas regulares.

Palabras clave: religión, valores, identidad cristiana, herencia cultural, familiar.

** Académico de la Facultad de Filosofía y Ciencias Sociales, Universidade Católica Portuguesa. Miembro de CECS, Universidade do Minho, Portugal. <https://orcid.org/0000-0003-4719-3148>

*** Doctor y licenciado en Sociología. Licenciado em Ciências Políticas y Administración y en Geografía e Historia. Profesor de Sociología, Universidade de Vigo. Profesor tutor, Universidade Nacional de Educação à Distância. <http://orcid.org/0000-0002-7440-0168>

Abstract

Looking at the generation of grandparents, one could say that an authentic Portuguese was one who sought to identify his or her life with the truths of faith, which acted as an objective referent that gave meaning to their behaviors and attitudes. But the generation of young people is no longer so, and not because they are not authentic, but because the contexts in which they live, the families they have, the school that forms them, the questions they ask now are very different from their grandparents. That said, this study, using a quantitative and qualitative methodology, based on primary and secondary data, aims to analyze how young people live their religious dimension. Through the 2014 European Social Survey, it was concluded that, in Portuguese society, four out of ten young people do not have any link or relationship with the Catholic religion, a factor that shows a tendency towards the demise of the socio-cultural identity of the Catholic matrix in Portugal. The religious expression of young Catholics shows that their Christian identity is not based on an assiduous experience of their principles and values but is essentially the result of a cultural and family heritage that is not anchored in regular religious practices.

Keywords: religion, values, Christian identity, cultural heritage, family heritage.

Introdução

Em outubro de 2018, realizou-se, no Vaticano, um sínodo que tinha como principal objetivo conhecer os jovens, como pensam, que expectativas têm diante da vida, que valores guardam, o que é que os move, bem como a sua relação com a Igreja¹ e a religião. Este sínodo realizou-se num período de grande interesse analítico, já que a geração jovem contemporânea é muito diferente da geração que a precedeu, o que a levou a fazer percursos de socialização seguramente diferentes, quer no que toca aos padrões de trabalho, educação e consumo, quer relativamente aos valores morais e de conduta.

A geração dos avós viveu num modelo comunitário, fundado na família nuclear, com um trabalho que, não obstante ser mais dependente da força física, era vitalício, o que lhe permitia, salvo a uma expressão reduzida de pessoas que emigrou à procura de encontrar melhores condições de vida (Baganha e Peixoto, 1997; Santos, 2004), não ter que trocar de região ou país para encontrar um trabalho (Alexandre-Bidon, 1997; Ariès, 1987; Durán e Duque, 2019). A qualidade do trabalho na sua generalidade também não exigia grande formação (Beck e Beck-Gernsheim, 2001, 2003), sendo que aqueles que avançam nos estudos fizeram-no quer através dos bancos dos seminários (Becchi, 1998), quer em universidades localizadas nos centros mais urbanos, pelo que o acesso aos níveis mais elevados de educação estava muito condicionado pela condição socioeconómica das famílias de origem (Smith, 1997).

A família vivia, assim, onde nascia e aí se conformava com o exercício da autoridade e das hierarquias (Singly, 2007, 2016). A Igreja era um espaço de socialização, de conhecimento, era uma escola onde se aprendia doutrinariamente não só os bons hábitos morais, mas também as regras de saber-estar e de civilidade (Ariès, 1987). Os grupos e

¹ Doravante sempre que nos referirmos à Igreja, referimo-nos à Igreja católica.

movimentos à volta da Igreja eram quase os únicos no contexto local, pelo que congregavam grande parte da comunidade, particularmente os mais jovens, que viam nos grupos um bom momento para se libertarem das rotinas dos trabalhos e do cansaço do dia-a-dia. A religião ia reconfigurando, assim, os seus valores, costumes e comportamentos nos diferentes âmbitos da vida (Appelrouth e Edles, 2008; Simmel, 1998; Weber, 1993).

A radiografia que aqui se fez, muito sumariamente, da sociedade nada tem a ver com a sociedade contemporânea. Em pouco mais de 25 anos, as sociedades ocidentais deram uma reviravolta muito significativa, condicionando a nova geração. A família, eixo central das sociedades tradicionais, deu lugar a vários modelos familiares (Beck, 2006), a educação massificou-se, suscitando oportunidades de ascensão social às classes mais baixas (Comenius, 1976; Ewen, 1983), o valor da poupança que os mais velhos defendiam esgotou-se, o que fez disparar o consumo (Lipovestky, 2007). Por sua vez, surgiram vários movimentos culturais, artísticos e de expressão espontânea, que ajudaram a alterar o conceito de estética, deram espaço ao trabalho das emoções, criaram um novo entendimento do corpo e popularizaram o prazer. A dimensão religiosa deixou de ser para a geração jovem tão expressiva como o era para os seus avós (Duque, 2007). Embora não tenha desaparecido, deixou de aportar significado às várias dimensões da vida como o fazia anteriormente. A pauta de leitura da vida deixou de ser religiosa, pelo que a religião deixou de ser única dadora de sentido, passando a figurar como uma fonte de valores como muitas outras com quem tem de aprender a conviver (Arendt, 1998; Revault D'allonnes, 2008).

A geração Y, ou também, como apelidou Howe y Strauss (2000), no seu livro *Millenials rising: the next great generation*, geração *millenials*, os jovens da atualidade caracterizam-se por fazerem o seu itinerário formativo num tempo de grande incerteza e, por isso, não sabem exatamente para onde se dirigir, dada a falta de garantias do mercado laboral. A essa transformação sociocultural associou-se, no passado recente, a crise econômica que afetou o bem-estar familiar e social, fragmentando-o perante a imposição da precariedade laboral e da incerteza econômica (Castells, 2000).

Não obstante essa sociedade do conhecimento ser uma sociedade frágil, condenada a gerir o desconhecido, a ignorância e a incerteza, os jovens apresentam-se otimistas, solidários e tolerantes. E agora já não é, como nas gerações precedentes, a dimensão religiosa a reconfigurar a sua conduta, ou a determinar a forma como vivem. A religião, como se referiu, é uma dimensão entre muitas outras dimensões da vida. Deixou de ser, claramente, a dimensão para ser, para alguns jovens, uma dimensão. Ou seja, se há jovens para quem a religião é uma expressão vazia de sentido e para quem nada lhes diz, há outros a quem lhes diz alguma coisa, dado que ainda foram socializados na Igreja e outros existem para quem a religião lhes dá sentido e os ajuda a viver melhor. A verdade é que estes últimos são cada vez em menor número (Simmel, 2009; Teixeira, 2012; Vilaça, 2016). Vivemos, de fato, num tempo de grande diversidade de posições, a qual não conduz necessariamente a uma época mais secularizada (Berger, 2014; Botelho, 2019). Machado (2007) considera que é o aumento gradual deste fenómeno que está a forçar os analistas sociais a estudar as tendências de heterogeneidade cultural das sociedades contemporâneas. Essa diversidade, em nosso entender, depende da liberdade humana que é criadora de bens comuns e que, portanto, determina concretamente novas formas de comunidade, em dependência sempre da estrutura ontológica, da qual aliás é um elemento. Por isso, e nesta perspetiva, entendemos que esta diversidade é natural às sociedades e só as enriquece, dependendo dos fins ou bens comuns

a projetar e a criar pelo ser humano, dentro, sempre, é claro, das condições básicas da ontologia humana.

Apesar do enfraquecimento da tradição social e da influência da herança cultural, bem como o afastamento dos jovens da cultura das hierarquias, a geração em estudo não cede a uma busca exigente de sentido e à procura de uma certa interioridade. Como referem Sánchez e Plascencia (2017), a propósito de uma investigação com universitários mexicanos, não existe um desencantamento do mundo que eclipse o sagrado; pelo contrário, há uma grande necessidade do sagrado. Note-se o aumento dos que procuram potenciar o seu interior através de práticas que apelidam de espirituais, dos que buscam a espiritualidade na natureza, em exercícios orientais, etc. (San Miguel de Pablos, 2014). Poder-se-ia dizer que essa procura de espiritualidade, de equilíbrio e de valores que lhes dão uma certa segurança é a expressão religiosa dos tempos modernos que, não tendo desaparecido, como auguraram muitos cientistas sociais, ganha nova credibilidade ao dar sentido de vida aos jovens e ao responder aos seus anseios (Casanova, 1999; Cipriani, 2012; Ros, 2018).

Posto isso, neste estudo, apresentam-se os dados relativos à análise do questionário sinodal, de forma a compreender como é que os jovens e os diferentes agentes eclesiais se posicionam em relação a algumas questões centrais na vida paroquial, vocacional e espiritual.

Metodologia

O presente estudo recorreu a uma abordagem quantitativa e qualitativa. Para a primeira abordagem recorreu-se à análise dos dados do Inquérito Social Europeu (ESS), para o caso português, entre 2002 e 2014; já a abordagem qualitativa partiu da análise do Inquérito sinodal, levado a cabo em 2018, aos jovens portugueses.

O ESS é um instrumento de recolha de informação, aplicado de dois em dois anos, em vários países europeus, e permite saber a opinião dos europeus, e a sua evolução ao longo do tempo, a propósito de um leque variado de assuntos (European Social Survey, 2002-2014).

Por sua vez, o Inquérito sinodal teve por finalidade fazer uma recolha de dados acerca das vivências juvenis e compreender as experiências de acompanhamento vocacional que são feitas pelos agentes de formação e evangelização nas paróquias.

A população-alvo do estudo foram todos os indivíduos com idade entre os 15 e 35 anos, de ambos os sexos, residentes em Portugal. Quanto ao processo de amostragem, decidiu-se contactar os inquiridos por meio da internet. O questionário foi enviado a todos os jovens dos quais se dispunha o seu contato de e-mail e que exprimiram o desejo de colaborar neste estudo, permitindo que a participação fosse totalmente voluntária. Além disso, pedimos a cada participante que reencaminhasse o questionário aos seus contatos de e-mail, os quais julgavam que estavam disponíveis e interessados em participar neste inquérito. Portanto, a amostra obtida foi selecionada de uma forma não probabilística, mas por conveniência.

O questionário estava dividido em quatro partes, sendo que cada uma delas aborda questões diferentes sobre a forma como os jovens vivem a sua dimensão religiosa e qual o papel dos diferentes agentes no processo de evangelização e de acolhimento deles no seio da Igreja católica.

Trata-se de um questionário com perguntas abertas e o seu tratamento foi realizado com recurso à análise de conteúdo, de forma a retirar o maior número de informações e dados

seguindo uma descrição objetiva e sistemática do conteúdo documental, visando interpretar essas informações e conhecer melhor o contexto dos sujeitos em estudo (Fortin e Salgueiro, 1999). De forma a estruturar a nossa grade analítica e a conferir significação aos dados recolhidos, procuramos, numa primeira fase, proceder a uma leitura flutuante de todos os questionários, depois procedemos à sua codificação, recortando o texto em unidades de registo. Finalmente, agrupamo-las em categorias temáticas, ora iniciais, ora intermédias, ora finais, possibilitando, assim, captar não só o conteúdo explícito do texto, como também o seu conteúdo latente (Callejo e Viedma, 2005; Cea D'Ancona, 1996; Creswell, 2008).

Para se compreender melhor os dados que serão apresentados, far-se-á uma contextualização sobre a relação dos jovens portugueses com a religião. Recorreremos, para isso, ao Inquérito Social Europeu, já que este, não sendo específico de análise religiosa, permite retratar as principais variáveis religiosas e a sua relação com a juventude.

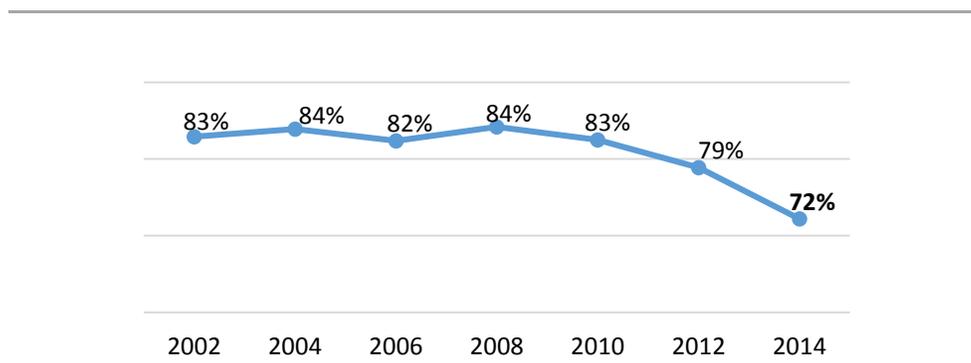
Resultados

Os *jovens católicos* portugueses representam, em 2014, cerca de 12% do total da população católica. A maioria (55%) tem o Ensino Básico, 30% o Ensino Secundário e 15% o Ensino Superior. Quanto à ocupação profissional, 46% é estudante, 42% trabalhador, 10% está numa situação de desemprego e 2% tem um trabalho doméstico.

Olhando agora para a *população católica portuguesa* como um todo, verifica-se que, em 12 anos, entre 2002 e 2014, há uma evidente diminuição da percentagem de pessoas que se dizem católicas em Portugal, de 83% passa para 72%, respetivamente.

A evolução desses 12 anos permite constatar que, não obstante essa descida, Portugal continua a manter bem vincada a sua matriz católica (cf.: Gráfico N°1).

Gráfico N° 1: População católica portuguesa



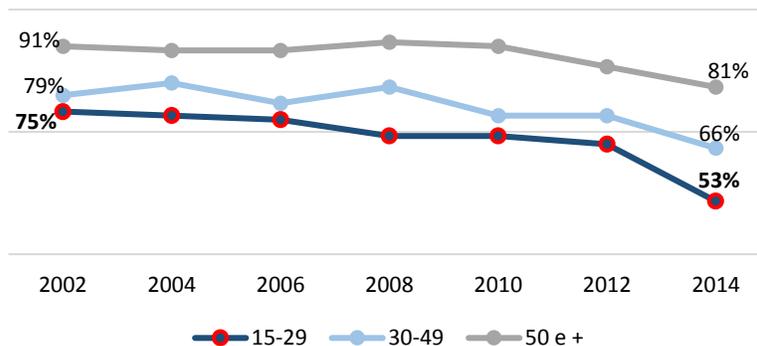
Fonte: European Social Survey (2002-2014).

Base: Em cada caso, população portuguesa.

Ao analisar esse mesmo período temporal tendo em conta o comportamento das diferentes faixas etárias, verifica-se que é entre a população jovem que se tem vindo a verificar a maior descida da percentagem de católicos, não obstante essa tendência ser visível nos demais grupos etários.

Note-se que, em 2014, só cinco em cada dez jovens se diz católico em Portugal, realidade que deixa antever para os próximos anos contextos paroquiais mais envelhecidos e arredados das problemáticas e vivências sociais (ver Gráfico N° 2).

Gráfico N° 2: População católica portuguesa, segundo a idade



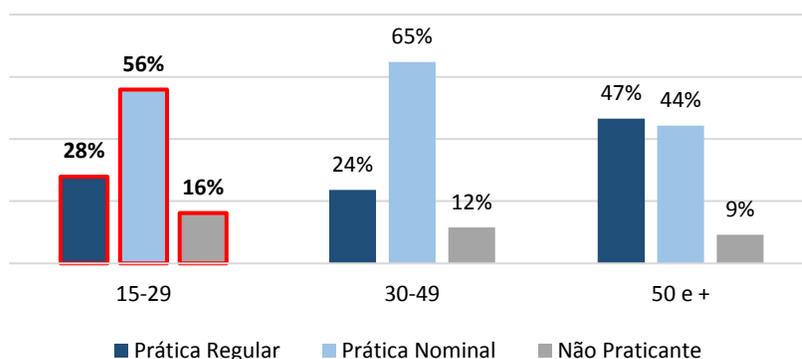
Fonte: European Social Survey (2002- 2014).

Base: Em cada caso, população católica portuguesa.

De modo a centrar a nossa análise na atualidade da dimensão religiosa dos jovens, proceder-se-á somente à dimensão analítica do inquérito de 2014. Não obstante a matriz católica continuar vincada em Portugal, a prática da vivência cristã entre os jovens vai-se afastando dos seus contextos diários (Coutinho, 2013, 2019; Duque, 2013, 2014; Teixeira, 2012, 2013).

Recorrendo a um indicador de medição religiosa, particularmente à classificação de Montero e Calvo (Broughton e Hans-Martien, 2000) em que os que assistem aos serviços religiosos pelo menos uma vez por semana são qualificados como *praticantes regulares*, os que assistem aos serviços religiosos pelo menos uma vez por ano como *praticantes nominais* e os que nunca participam nos serviços religiosos como *não praticantes* (Duque, 2014,), observa-se, através do Gráfico N° 3, que os jovens portugueses que se dizem católicos, não obstante serem apenas cerca de 50% da totalidade da juventude, continuam a manter uma relação com a prática dominical, ainda que esta não seja com uma regularidade efetiva, já que dos jovens que se dizem católicos apenas 28% refere ter uma *prática regular*, ou seja, vai à missa uma ou mais vezes por semana, e 56% tem uma *prática nominal*, ou seja, assiste aos serviços religiosos pelo menos uma vez por ano (ver Gráfico N° 3).

Gráfico N° 3: População católica portuguesa por idade, segundo prática religiosa



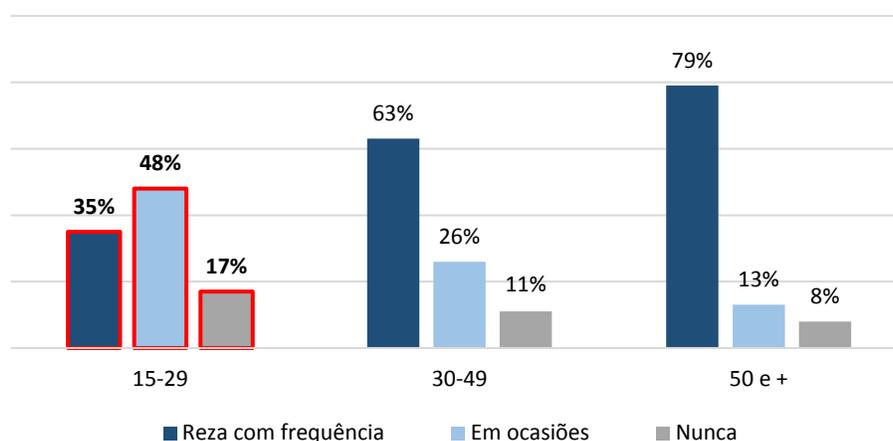
Fonte: European Social Survey (2014).

Base: Em cada caso, população católica segundo a idade.

Se na vivência pública da fé os jovens apresentam uma prática regular pouco expressiva, não surpreende que a oração regular, enquanto manifestação mais íntima da fé, apresente valores percentuais também relativamente baixos, já que apenas 38% dos jovens católicos afirma rezar com regularidade e 48% apenas o faz em algumas ocasiões (ver Gráfico N° 4).

Essa realidade dos jovens contrasta com a forma como as gerações mais velhas se posicionam em relação à oração, o que permite concluir que, não obstante essas gerações terem uma prática dominical com pouca assiduidade, necessitam estar ligadas a Deus, embora o prefiram fazer num foro mais privado, nesse caso através da oração.

Gráfico N° 4: População católica portuguesa por idade, segundo frequência de oração



Fonte: European Social Survey (2014).

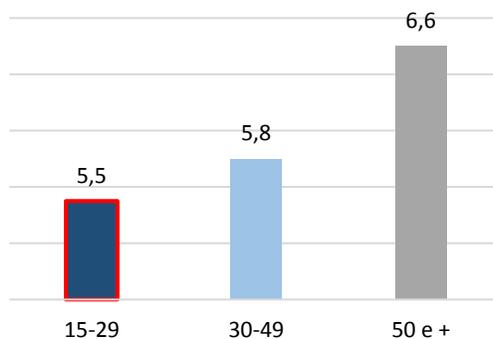
Base: Em cada caso: população católica segundo a idade.

Quando se questiona um jovem católico sobre o seu sentimento religioso, apercebemo-nos de que, de fato, há um distanciamento entre a identidade católica e a

vivência “pública” e “privada” da fé, uma vez que apenas 6 em cada 10 jovens católicos expressa ter um *sentimento religioso* (ver Gráfico N° 5).

Essa variável permite reforçar a análise que temos vindo a fazer sobre a realidade dos jovens católicos; na verdade, a ligação dos jovens que se dizem católicos ao religioso é cada vez menor, evidenciando que uma parte expressiva desses jovens (53%) não apresenta qualquer ligação à religião ou apresenta apenas uma ligação débil.

Gráfico N° 5: População católica portuguesa por idade, segundo sentimento religioso



Fonte: European Social Survey (2014).

Base: Em cada caso: população católica segundo a idade.

Nota: A média varia entre 0 (nada religioso) e 10 (muito religioso).

Como conclusão dessa breve análise da dimensão religiosa dos jovens, depreende-se a ideia de que, na sociedade portuguesa, há um número expressivo de jovens, quatro em cada dez, que não tem qualquer vínculo ou relação com a religião católica, fator que manifesta uma tendência para o esmorecimento da identidade sociocultural de matriz católica em Portugal.

Por outro lado, a expressão religiosa dos jovens católicos, que representam cinco em cada dez jovens portugueses, evidencia que a sua identidade cristã não está alicerçada numa vivência assídua dos seus princípios e valores, mas é essencialmente fruto de uma herança cultural e familiar que não está ancorada em práticas religiosas regulares.

Feita uma breve caracterização dos jovens católicos portugueses, importa agora compreender como é que esses jovens e os diferentes agentes eclesiais se posicionam em relação a algumas questões centrais na vida paroquial, vocacional e espiritual. Fá-lo-emos através da apresentação de quatro das cinco grandes áreas sobre as quais o questionário foi elaborado. Não falaremos da quinta parte do questionário, uma vez que esta diz respeito a uma caracterização das atividades de maior relevo nas Dioceses, pelo que, dada a sua realidade mais específica, não merece aqui uma interpretação da nossa parte.

Jovens, Igreja e sociedade

Questionadas sobre o *modo como se ouve a realidade dos jovens*, as dioceses seguiram duas diferentes abordagens sobre a questão. Por um lado, há dioceses que apresentam de forma objetiva os mecanismos a que recorrem para *escutar* os jovens. Por outro, há dioceses que falam sobre o que pensam ser a realidade dos jovens na atualidade.

As dioceses de Lisboa, Leiria-Fátima, Évora, Lamego, Setúbal, Viseu e Porto abordaram a questão referindo-se aos diferentes espaços/momentos que propõem aos jovens para dar voz às suas inquietações, ideias e projetos. No entanto, há diferenças nas propostas apresentadas pelas dioceses.

Por um lado, temos dioceses que propõem espaços comuns, de continuidade com modelos tradicionais para proporcionarem espaços de diálogo e conhecimento das inquietações e projetos dos jovens, como é o caso das dioceses de Évora, Viseu, Setúbal, Leiria-Fátima e Lamego, que referem ouvir os jovens através dos grupos de jovens, de catequese ou nas aulas de EMRC.

Por outro lado, vemos dioceses, como são exemplo Lisboa e Porto, que procuram dar voz aos jovens de forma mais direcionada aos contextos atuais deste grupo, criando espaços para a participação ativa dos jovens no plano pastoral das paróquias, movimentos ou colégios; inserindo-os nas equipas pastorais; promovendo plenários e assembleias de jovens, nas quais estes possam discutir sobre as suas dificuldades e proporem caminhos de diálogo à Igreja da qual fazem parte; o sacerdote disponibiliza tempo para atendimento individual ou acompanhamento dos grupos nas suas atividades, sobretudo, em espaços informais.

A diocese do Porto refere ainda que se vive uma certa dificuldade em criar espaços oportunos para ouvir os jovens e que, por isso, tenta proporcionar oportunidades para perceber o ponto de vista e as necessidades dos mesmos. Exemplo disso é a atribuição de funções de liderança nos grupos de jovens e em outros espaços paroquiais.

Por sua vez, as dioceses de Braga, Coimbra, Vila Real e Bragança-Miranda analisaram a questão seguindo a interpretação sobre a forma como os jovens vivem hoje na sociedade. Nesta questão, as dioceses apresentam pontos em comum. Salientam-se sobretudo as seguintes ideias:

- O individualismo em que os jovens vivem na atualidade, demasiado dependentes das relações virtuais.
- Apresentam uma débil participação na vida paroquial e não procuram espaços de aprofundamento da sua vida espiritual.
- Estão muito focados na vida académica e profissional, que ganham uma dimensão central nas suas vidas.
- Falta de uma educação religiosa de base familiar, que não os familiariza, desde cedo, com a dimensão espiritual nas suas vidas e, conseqüentemente, não criam espaços para a valorização do papel da Igreja nas suas vidas.
- Há a consciência geral por parte dos responsáveis dos movimentos eclesiais sobre quais *os desafios e oportunidades com os quais os jovens se confrontam na atualidade*, sendo que é comum entre as várias dioceses a visão que apresentam sobre esta questão.
- O desafio com o qual o jovem mais se confronta na atualidade, e que é transversal aos jovens das várias dioceses do país, diz respeito essencialmente ao *desafio profissional*,

nomeadamente, a preocupação com a procura de emprego e de uma ocupação profissional a partir da qual o jovem se realize profissional e pessoalmente e encontre a estabilidade financeira.

Há, contudo, outros desafios sociais que têm expressão nas várias dioceses e que dizem respeito essencialmente à forma como os jovens sentem que deve ser o seu papel na sociedade e a dificuldade que têm muitas vezes em resistir a essas situações, nomeadamente:

- Saber usar as redes sociais de modo a evitar o individualismo e os excessos do consumo da era digital.
- Saber renunciar ao facilitismo do mundo atual, nomeadamente, na opção pelos comportamentos de risco e pelo relativismo moral e ético.
- A necessidade de serem mais ativos e interventivos na sociedade, nomeadamente na defesa da vida, da ecologia, na abertura para a pluralidade cultural e religiosa.

Outro dos desafios enunciados prende-se com o desafio religioso dos jovens, nomeadamente, de como viverem a sua vida de fé sem serem alvo de preconceitos sociais; conseguirem afirmar-se como seguidores de Cristo numa sociedade cada vez mais despida de valores religiosos; saber dar testemunho e ser modelo de fé para outros jovens; conseguir manter ligação com a Igreja após o seu percurso catequético; perante contextos familiares secularizados, conseguir amadurecer na sua fé, e encontrar espaços nas paróquias onde se sintam integrados e acompanhados.

Oportunidades

Neste âmbito, os pontos de vista também são comuns entre as várias dioceses. Os jovens têm hoje oportunidades aliciantes, que lhes permitem ter vivências muito diferenciadas.

As oportunidades mais comuns são o acesso aos estudos mais avançados, à informação e comunicação mais alargada e à mobilidade tanto ao nível cultural (viajar e conhecer novas culturas), como profissional (trabalhar em países estrangeiros). Por outro lado, têm oportunidades relacionadas com as suas opções pessoais, como maior liberdade de escolha, serem socialmente mais ativos e interventivos.

São vários os *lugares de agregação juvenil com sucesso eclesial* sugeridos pelas dioceses. No entanto, aqueles que merecem mais destaque entre todos são:

- Os encontros Diocesanos de Juventude, Jornadas Mundiais, entre outros encontros de grande agregação juvenil, pois ajudam os jovens a perceber que há muitos outros jovens com o mesmo ideal religioso.
- Os grupos de escuteiros, porque implicam envolvimento e responsabilidade, uma vez que os jovens são o principal agente de desenvolvimento.
- Movimentos juvenis de diferentes carismas ou grupos de jovens, porque permitem uma maior aproximação e identidade.
- Atividades de ação social, como é o caso de ações de voluntariado, de experiências missionárias *ad gentes*, da Missão País, pois os jovens sentem-se comprometidos por uma causa maior que é o bem comum e aí encontram a sua realização.

- Participação e responsabilização em serviços litúrgicos: acólito, coro, leitor.

De um modo geral, o tipo de *lugar de agregação de jovens fora do âmbito eclesial* passa pela mesma tipologia, independentemente das dioceses. Na verdade, o que os diferencia nesse ponto prende-se, essencialmente, com as oportunidades que um jovem pode encontrar nas suas localidades. Neste sentido, os jovens agregam-se sobretudo em:

Atividades desportivas, pelo espírito de grupo e de competição que é desenvolvido entre os jovens, pelo culto do corpo perfeito e de uma vida saudável.

Festivais de música, pela oportunidade que proporcionam de convívio e de interação, mas também pela importância que é dada aos mesmos pelos meios de comunicação social.

Ambientes noturnos, mais atrativos, pois não implicam compromisso e não têm um controle, levando a uma sensação de “liberdade incondicionada”, na qual podem realizar diferentes tipos de experiência.

Grupos culturais, como teatro, dança e música, ou partidários.

Os jovens de hoje são mais exigentes nas suas prioridades e escolhas e, por isso, também começam a pedir mais à Igreja. Neste contexto, a Igreja não pode deixar de procurar mecanismos para os acompanhar e integrar. As linguagens, experiências e propostas com que um jovem se confronta atualmente são muito aliciantes e, por isso, a Igreja tem um desafio exigente que não pode desvalorizar, caso contrário os jovens deixam de se rever nela e nas suas propostas.

Esta realidade está bem patente nas respostas que as dioceses apresentaram sobre esta questão, percebendo-se que há uma perspetiva comum entre elas naquilo que os jovens apresentam como prioritário na sua relação com a Igreja.

De um modo mais específico, os jovens pedem à Igreja:

- Que lhes proporcionem *espaços de maior participação e responsabilidade*, em que a sua voz seja ouvida e onde possam ser protagonistas e agentes de mudança, pois sentem que não são ouvidos, que não são valorizados nas suas capacidades e que não ocupam lugares de mudança.
- Que a igreja apresente *modelos de orientação, referências de fé* a seguir.
- Que a *linguagem seja mais próxima* e que a Igreja proporcione espaços mais abertos e de liberdade para que um jovem possa colocar as suas dúvidas e partilhar as suas vidas.
- Que *aceite os jovens como eles são*, sem preconceitos e que se abra mais à realidade de hoje, de modo a darem *respostas para os problemas atuais*: famílias desestruturadas, vivência sexual, sentido para a vida.
- Que haja *maior acompanhamento espiritual*, figuras que lhes indiquem o caminho a seguir e que sejam modelos de fé.

Os espaços de participação dos jovens nas comunidades eclesiais são os mesmos na maioria das dioceses, e as propostas de participação não são muito diferentes das do passado, nomeadamente:

- Grupos de jovens
- Escuteiros
- Catequese durante a adolescência
- Exercício de ministérios litúrgicos: acólitos, leitores, grupos corais

- Encontros dirigidos aos jovens: diocesanos, nacionais ou mundiais
- Participação em atividades de voluntariado e de cariz social

Há, contudo, poucas dioceses que atribuem aos jovens lugares de decisão e de expressão de opinião, como é o caso da *presença nos órgãos pastorais de comunhão e participação*.

Nessa questão, várias dioceses referiram algumas *fragilidades na participação dos jovens nas comunidades*, que se sintetizam nas seguintes ideias centrais:

Os jovens não ocupam espaços no âmbito de lugares de decisão.

Têm responsabilidade formativa nas paróquias, contudo, sem a conveniente preparação e formação espiritual.

Experimentam alguma insatisfação por não se sentirem acolhidos pelas comunidades a que pertencem.

São vários os locais mencionados pelas dioceses sobre *onde e como os jovens encontram outros jovens que não frequentam os seus ambientes eclesiais*. No entanto, esta questão permitiu duas diferentes interpretações sobre o propósito da mesma.

Por um lado, há dioceses em que a resposta corresponde ao tipo de locais de encontro com outros jovens que não frequentam os ambientes eclesiais e diz respeito essencialmente ao encontro com estes em espaços comuns de sociabilização entre pares, nomeadamente: a escola ou ambientes académicos; cafés/bares, espaços noturnos, festivais musicais; as redes sociais e ambientes desportivos.

Por outro lado, há dioceses em que os jovens mostraram a forma como promovem encontros com outros jovens que não frequentam os seus ambientes eclesiais. Destacam-se nestas dioceses as seguintes formas de contato:

- O contato personalizado, no qual os jovens mostram a sua fé com o seu testemunho de vida, partilhando as suas experiências.
- A proposta de iniciativas de cariz voluntário, com abertura para a participação de jovens sem vivência cristã.
- Iniciativas de primeiro anúncio, como as missões, curso Alpha, peregrinações, Taizé.
- Através da abertura dos grupos ou movimentos pastorais a todos os jovens.

No entanto, há dioceses que reconhecem que saem pouco ao encontro de outros jovens fora dos ambientes eclesiais, sobretudo, porque a comodidade destes é grande e têm dificuldade em sair da sua zona de conforto e conhecer outras realidades.

Vida vocacional

Quanto ao papel das famílias e comunidades no discernimento vocacional dos jovens, é uníssonos a ideia de que tanto a família como as comunidades atribuem pouca atenção à questão do discernimento vocacional dos jovens.

São várias as razões apresentadas para esta visão. Entre outras, destacam-se as mais mencionadas:

- A família atribui cada vez mais importância ao discernimento profissional, acompanhando, desde muito cedo na vida dos jovens, as escolhas ao nível académico, desvalorizando assim o discernimento vocacional dos seus jovens.
- A família deixou de ser o primeiro lugar de discernimento vocacional, especialmente porque deixou de haver lugar para a religião nas casas, para a transmissão de valores cristãos.
- Os jovens, hoje, descobrem a religião fora do âmbito familiar. Muitas vezes, a religião passa pelo testemunho dos seus amigos e não pelo papel tradicional da família como transmissora da dimensão cristã.
- A organização familiar dos tempos modernos, sobretudo as famílias desestruturadas, não proporciona ambiente propício para que o jovem seja ouvido e acompanhado; não há tempo.
- As famílias limitam-se a colocar os filhos na catequese, como um gesto tradicional e comum, sem integrar esse caminho de encontro com Cristo.
- As comunidades falam pouco dessa dimensão e quando o fazem é sobretudo em datas específicas para o efeito, como é o caso da semana das vocações dos seminários.
- A própria comunidade não é o rosto de Cristo e, como tal, não cumpre a sua missão de acolhimento e acompanhamento dos jovens na descoberta do seu caminho vocacional.

Fazendo uma reflexão sobre a contribuição das escolas, universidades ou outras instituições de ensino (civis ou eclesiais) para a formação no discernimento vocacional, de um modo geral, as dioceses referem que essas instituições de ensino focam a sua atenção quase exclusivamente no discernimento profissional, na formação técnica, dando valor ao sucesso escolar, projetando-o para o percurso profissional dos jovens.

No entanto, há espaços em algumas escolas ou universidades para o acompanhamento dos jovens, através do capelão em algumas universidades, dos grupos formais de jovens, como é o caso dos Núcleos de Estudantes Católicos (NEC), mas estes estão presentes em poucas universidades do país, ou nas escolas civis, com a presença de professores de EMRC formados pelas dioceses.

Por sua vez, as instituições de ensino de matriz cristã já evidenciam preocupação pelo acompanhamento no discernimento vocacional dos seus jovens, propondo diferentes iniciativas que os ajudam a fazer um caminho de discernimento.

A mudança cultural determinada pelo desenvolvimento do mundo digital é apresentada de duas formas diferentes pelos jovens das diferentes dioceses:

Por um lado, o mundo digital é um desafio, pois gera mudanças no paradigma da evangelização, é um meio cheio de potencialidades, que facilita a vida quotidiana. Trouxe oportunidades no que toca à divulgação e partilha de informações, permitindo que mais jovens tenham acesso fácil à informação sobre atividades, eventos, encontros, levando mais longe e a mais gente estas mensagens. Permite ainda a troca de ideias e que boas iniciativas possam ser replicadas. A presença da Igreja no mundo digital obriga, por isso, a uma atenção reforçada nas formas de comunicação, na criatividade da mesma na apresentação de propostas adequadas ao público e adaptadas aos tempos modernos;

Por outro lado, tem uma vertente negativa que se prende com a utilização excessiva, que traz riscos e que reduz a presença e interação humana. Quando as dioceses optam por essa forma de comunicação, estão a desvalorizar a vertente do contato pessoal. Ou seja, a

valorização desse canal não gera adesão nem mobilização, o que retira a capacidade de reflexão e formação do pensamento e transforma a noção e experiência de intimidade, de pertença, fomentando, assim, o individualismo e as relações superficiais.

As dioceses consideram que encontros como *as* Jornadas Mundiais da Juventude ou outros eventos nacionais ou internacionais mobilizam um grande número de jovens, proporcionam um efeito de massas que entusiasma. Por isso, há oportunidades associadas a esses eventos que aproximam os jovens e os fazem sentir parte de um grupo, pois a preparação dos encontros propõe um conjunto de iniciativas que envolve os jovens na dinamização das mesmas.

Estes encontros são uma oportunidade de primeiro anúncio, de encontro com outros jovens de outros países ou localidades do próprio país e, muitas vezes, proporcionam a conversão e aproximação de muitos jovens da igreja e mesmo o discernimento vocacional.

A dificuldade está, muitas vezes, no pós-encontros, pois há uma vontade de muitos desses jovens continuarem a fazer caminho juntos. No entanto, nem sempre se dá a devida continuidade dessas experiências, sobretudo porque não há estruturas e capacidade de resposta por parte de muitas paróquias.

As dioceses apresentaram um conjunto de experiências que se aproximam entre si na forma como projetam experiências e caminhos de pastoral juvenil vocacional. Para muitas dioceses, o discernimento vocacional começa junto do pároco e depois passa pelas equipes de animação vocacional ligadas aos seminários, que dinamizam encontros de pré-seminário, encontros com congregações religiosas e preparam atividades de vivência da Semana de Oração pelas Vocações e Semana dos Seminários.

Para outras dioceses, as vocações surgem muitas vezes ligadas às experiências de grupos e movimentos juvenis, como é o caso do Convívio Fraternal, do Corpo Nacional de Escutas, dos Exercícios Espirituais e dos Retiros Vocacionais.

Os Acompanhantes

Há um ponto de vista em comum em várias dioceses, quando analisam o tempo e espaço dedicados pelos pastores e outros educadores ao acompanhamento espiritual pessoal, salientando-se que há um real déficit do tempo atribuído à escuta. Tanto os sacerdotes quanto os leigos têm dificuldade em encontrar disponibilidade para dar resposta à necessidade que existe de acompanhamento espiritual, pois este requer tempo de qualidade. O acompanhamento dos jovens nem sempre é uma prioridade pastoral, sendo que muito do tempo disponibilizado pelo sacerdote resume-se a ações que não passam tanto pela função pastoral, mas por procedimentos processuais, não atendendo, muitas vezes, às reais necessidades da comunidade e, de um modo particular, dos jovens.

Por outro lado, são várias as dioceses que referem que nem sempre se encontram leigos bem formados e preparados para assumir essa função de acompanhamento espiritual dos jovens. Ainda assim, há alguns leigos que conseguem veicular a mensagem e conquistar os jovens em experiências pontuais de oração, convívio ou voluntariado. Alguns concluem que, nos contextos em que existe algum acompanhamento dos jovens, os resultados são positivos.

Na verdade, e tendo em conta a análise das dioceses, há a opinião de que não existe uma proposta de direção espiritual específica nas comunidades.

Quando questionadas sobre as iniciativas e caminhos de formação postos em prática para os acompanhadores vocacionais, as dioceses, de um modo geral, dizem não orientar qualquer formação para estes acompanhadores vocacionais dos jovens ou quando as há são incipientes ou a procura é reduzida. Consideram, por isso, haver necessidade de promover uma cultura vocacional nas comunidades paroquiais e orientar estas formações para poder responder de forma mais adequada às solitudes dos jovens.

As iniciativas que foram referidas dizem respeito a semanas nacionais de formadores dos Seminários, formações anuais para agentes nos institutos religiosos, retiros espirituais, formação de animadores, entre outros.

Salientou-se que, quando se promovem estas formações, elas não estão orientadas para um público-alvo, mas são indiferenciadas, o que não permite que se forme especificamente um acompanhador vocacional dos jovens.

O acompanhamento pessoal proposto nos seminários das várias dioceses passa sobretudo pela direção espiritual, na qual se cria uma relação de proximidade, proporcionando um discernimento mais natural e seguindo o ritmo do jovem.

Há dioceses que salientaram o trabalho de acompanhamento no pré-seminário que, para além do acompanhamento espiritual pessoal, promovem encontros mensais de dois dias para jovens a frequentar o secundário. Para os mais velhos o acompanhamento passa sobretudo pelo encontro pessoal.

Uma visão da Europa

Questionadas sobre as formas como se ajuda o jovem a olhar para o futuro com confiança e esperança, a partir da riqueza da memória cristã da Europa, as dioceses apresentaram diversas formas de ajudar um jovem a olhar para o futuro com confiança e esperança, entre outras:

- A valorização de conteúdos sobre a história cultural e religiosa da Europa na disciplina de EMRC.
- Experiências de contato com as diversas manifestações de arte e monumentos religiosos a nível europeu, que permitem reforçar a ideia da matriz cristã da Europa e promover o conhecimento dessa matriz na evolução histórica da Europa.
- A partir da partilha de experiências de fé e de exemplos de vida de cada um dos formadores, mostrando-lhes que a fé cristã ajuda os jovens a olhar o futuro com confiança e a dar esperança à vida.
- Pela consciencialização dos jovens para a memória cristã que caracteriza a Europa, ajudando-os a compreender que a sua matriz valorativa assenta em valores cristãos que estão enraizados por toda a Europa.
- Mostrando o valor da fé na promoção da felicidade, do bem comum, da solidariedade, da tolerância e do respeito pela diferença.

Conscientes de que muitas vezes os jovens sentem-se descartados e rejeitados pelo sistema político, econômico e social em que vivem, as dioceses foram levadas a refletir sobre a forma como se deve ouvir este potencial de protesto, a fim de que se transforme em proposta e colaboração. Perante esta realidade verifica-se uma ideia transversal à maioria das dioceses,

de que a Igreja deve proporcionar espaços onde a voz dos jovens seja ouvida e deixar que estes sejam protagonistas da mudança, de modo a que os jovens assumam responsabilidades concretas na transformação do mundo.

Os jovens de hoje têm uma forma própria de conceber a dimensão política, econômica e social que não vai ao encontro das formas tradicionais do sistema. Por isso, a melhor forma é ouvi-los, atribuir-lhes poder de decisão, de modo a que eles entendam a importância dos seus atos na sociedade em que vivem.

Importa que a igreja proporcione espaços de formação e debate sobre temas da atualidade política, econômica e social, desenvolvendo o espírito crítico dos jovens e ajudando a formar consciências.

A falta de formação faz com que os jovens se sintam impotentes e não tenham instrumentos para agir. Neste sentido, é importante dar a conhecer a Doutrina Social da Igreja, de modo a que os jovens tenham ferramentas para que, nas diferentes vertentes da sua vida, saibam ser testemunho cristão. Por outro lado, a formação permitirá que os jovens de hoje assumam cargos/funções políticas, econômicas, sociais e culturais com vocação cristã laical e possam assim transformar o meio por onde se movem.

No entanto, há dioceses que referem que os jovens de hoje demonstram uma evidente falta de preocupação face ao que acontece ao seu redor, tanto ao nível político como social. Por isso, a Igreja deve incentivar os jovens a ter um papel mais comprometido e uma ação concreta no mundo, por exemplo, apoiando-os na execução de projetos sociais e comunitários.

Numa sociedade cada vez mais individualista, importa compreender quais os níveis em que a relação intergeracional funciona e como é possível voltar a ativá-la quando esta deixa de funcionar.

A família é o espaço natural de promoção da relação intergeracional, embora esta esteja cada vez mais reduzida. No entanto, é importante reforçar essa relação em seio familiar, pois é dela que saem as referências.

Em ambiente paroquial, uma forma de revitalizar essa relação entre as gerações é através da promoção de experiências de voluntariado fora da família com outros grupos geracionais, como é o caso dos idosos, pois os jovens mostram-se muito receptivos a atividades que envolvam esse grupo etário. Nestes contextos, os jovens deixam-se transformar, já que aprendem e descobrem que têm muito para dar e receber.

Por outro lado, há movimentos que, pelo seu carisma, valorizam essa relação e seria importante proporcionar oportunidades de interação e partilha de experiências/vivências entre os mais jovens e mais velhos, como por exemplo entre catequistas, que por norma pertencem a diferentes grupos etários. A partilha de experiências e saberes entre as gerações em seio paroquial serve, assim, de passagem de testemunho e de formação para os mais jovens.

Conclusão

Os grandes desafios que os jovens vivem na atualidade prendem-se, sobretudo, com a dimensão profissional. No entanto, no que diz respeito à sua dimensão religiosa, os jovens salientam a dificuldade em afirmar a sua fé cristã num contexto social e familiar cada vez

mais laico, necessitando, assim, de vivências paroquiais cada vez mais próximas e direcionadas para os seus interesses, com linguagem própria e próxima das suas vivências, bem como necessitam de modelos de orientação espiritual e que sejam referências de fé a seguir.

Não obstante serem vários os espaços de participação dos jovens nas paróquias, estes pedem aos agentes da Igreja que procurem mecanismos de maior abertura, proximidade e adaptabilidade aos contextos dos jovens, de modo a que possam ser acompanhados e integrados nas diversas dimensões paroquiais, possibilitando uma maior valorização das suas potencialidades como agentes de mudança.

Com este inquérito, percebeu-se que não é fácil os jovens reconfigurarem a sua escala de valores baseada em padrões autenticamente cristãos uma vez que já não foram socializados, como no tempo dos seus pais e avós, numa cultura religiosa de práticas e ritos eclesiais, em famílias nucleares, já não foram socializados nos bancos da Igreja, nos grupos de jovens paroquiais, etc. Não obstante, os jovens de hoje continuam a procurar, mesmo que em minoria, uma Igreja que os ajude a dar sentido às suas opções, comportamentos e atitudes, no seio da sociedade.

Referências bibliográficas

- Alexandre-Bidon, D. e Lett, D. (1997). *Les enfants au Moyen âge, V-XV siècles*. Poitiers: Hachette.
- Appelrouth, S. e Edles, L. D. (2008). *Classical and contemporary sociological theory*. Los Angeles, CA: Pine Forge Press.
- Arendt, H. (1998). *La condición humana*. Barcelona: Paidós.
- Ariès, Ph. (1987). *El niño y la vida familiar en el Antiguo Régimen*. Madrid: Taurus.
- Baganha, M. I. e Peixoto, J. (1997). Trends in the 90's: The Portuguese migratory experience. In M. I. Baganha (ed.), *Immigration in Southern Europe* (pp. 15-40). Oeiras: Celta Editora.
- Becchi, E. (1998). Humanisme et Renaissance. En E. Becchi. e D. Julia, *Histoire de l'enfant en occident. Vol. I* (pp. 171-210). París: Éditions du Seuil.
- Beck, U. (2006). *La sociedad del riesgo*. Barcelona: Paidós.
- Beck, U. e Beck-Gernsheim, E. (2001). *El normal caos del amor*. Barcelona: Paidós.
- Beck, U. e Beck-Gernsheim, E. (2003). *La individualización. El individualismo institucionalizado y sus consecuencias sociales y políticas*. Barcelona: Paidós.
- Berger, P. L. (2014). *The Many Altars of Modernity: Toward a Paradigm for Religion in a Pluralist Age*. Boston/Berlim: De Gruyter.
- Botelho, J. (2019). Diversidade cultural como secularização? Exame da correlação entre os índices de religiosidade e diversidade na Europa do século XXI. *Revista Cultura y Religión*, 13(2), 75-102.
- Broughton, D. e Hans-Martien N. (eds.) (2000). *Religion and Mass Electoral Behaviour in Europe*. Londres: Routledge.
- Callejo, J. e Viedma, A. (2005). *Proyectos y estrategias de investigación social. La perspectiva de la intervención*. Madrid: Mc Graw-Hill.
- Casanova, J. (1999). *Religiones públicas en el mundo moderno*. Madrid: PPC.

- Castells, M. (2000). *La era de la información. La sociedad red. Vol. I*. Madrid: Alianza Editorial.
- Cea D'Ancona, M. A. (1996). *Metodología cuantitativa. Estrategias y técnicas de investigación social*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Cipriani, R. (2012). Los paradigmas en las ciencias sociales de la religión. *Revista Cultura y Religión*, 6(1), 6-30.
- Comenius, J. A. (1976). *Didáctica magna*. México: Porrúa.
- Coutinho, J. (2013). Portuguese youth religiosity in the last two decades. *Euroregional Journal of Socio-Economic Analysis*, 1(1), 21-32.
- Coutinho, J. (2019). Religiosidade da juventude portuguesa: Evolução recente e comparação com o restante da população. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 34(101), 1-22.
- Creswell, J. W. (2008). *Research Design: Qualitative & Quantitative Approaches*. London: Sage.
- Duque, E. (2007). *Os jovens e a religião na sociedade actual. Comportamentos, crenças, atitudes e valores no Distrito de Braga*. Braga: Council of Europe, Secretaria de Estado da Juventude, Instituto Português da Juventude.
- Duque, E. (2013). Atitude dos jovens portugueses face à religião. *Plataforma Barómetro Social* (Instituto de Sociologia da Universidade do Porto). Recuperado de <http://www.barometro.com.pt/2013/07/04/atitude-dos-jovens-portugueses-face-a-religiao> [Consultado a 18 de julho de 2020].
- Duque, E. (2014). *Mudanças culturais, mudanças religiosas. Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*. V. N. Famalicão: Húmus.
- Durán Vázquez, J. e Duque, E. (2019). *Las transformaciones de la educación. De la tradición a la modernidad hasta la incertidumbre actual*. Madrid: Espanha.
- European Social Survey (2002-2014). Norwegian Centre for Research Data, Norway - Data Archive and distributor of ESS data for ESS ERIC.
- Ewen, S. (1983). *Consciencas sous influence*. París: Aubier Montagne.
- Fortin, M. F. e Salgueiro, N. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Howe, N. e Strauss, W. (2000). *Millennials rising: The next great generation*. Nova Iorque: Vintage Books.
- Lipovestky, G. (2007). *La felicidad paradójica*. Barcelona: Anagrama.
- Machado, M. D. C. (2007). Globalización y secularización. *Revista Cultura y Religión*, 1(1), 108-125.
- Revault D'allonnes, M. (2008). *El poder de los comienzos. Ensayo sobre la autoridad*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Ros, J. (2018). Claves para una sociología de la experiencia religiosa en el ámbito católico. *Revista Cultura y Religión*, 12(1), 54-74.
- San Miguel de Pablos, J. (2014). *La rebelión de la consciencia*. Barcelona: Kairós SA.
- Sánchez, O. e Plascencia, F. (2017). La religión como conocimiento cultural: el caso de los estudiantes de licenciatura en la universidad autónoma de Aguascalientes en México. *Revista Cultura y Religión*, 11(2), 29-50.
- Santos, V. (2004). O discurso oficial do Estado sobre a emigração dos anos 60 a 80 e a imigração dos anos 90 à actualidade. Lisboa: ACIME, Observatório da Imigração.

- Silva, A. (2009). A secularização ao espelho da sociologia da religião. *Economia e Sociologia*, 87, 7-24.
- Simmel, G. (1998). *La religion*. Belval: Circé.
- Simmel, G. (2010). *Cultura líquida y dinero. Fragmentos simmelianos de la modernidad*. Barcelona: Anthropos.
- Singly, F. (2007). *Sociologie de la famille contemporaine*. París: Armand Colin.
- Singly, F. (2016). *El yo, la pareja y la familia*. Madrid: CIS.
- Smith, A. (1997). Investigación sobre la naturaleza y causas de la riqueza de las naciones. México: FCE.
- Teixeira, A. (org.) (2012). *Identidades religiosas em Portugal: ensaio interdisciplinar*. Lisboa: Paulinas.
- Teixeira, A. (2013). A eclesiosfera católica: pertença diferenciada. *Didaskalia*, 43(1/2), 115-205.
- Vilça, H. (2016). Territorialidades religiosas em Portugal. *Mediações*, 21(2), 197-217.
- Weber, M. (1993). *Economía y sociedad*. Madrid: FCE.

Cómo citar este artículo

Duque, E. y Durán, J. (2020). Quanto interessa a religião católica aos jovens? Um estudo a partir do caso português. *Revista Cultura & Religião*, 14(2), 17-35.